

NUNES, João Vítor Ferreira. **BIA E MARIA, MITO-GUIA, VIA MITODOLOGIA: IMERSÕES RITUALÍSTICAS NA ALQUIMIA DOS ELEMENTOS.** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Artes UFRN; Mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGARc); Bolsista CAPES BR. Artista-docente em formação.

RESUMO: Define a pesquisadora Luciana Lyra que a *Mitodologia em Arte* (2015) é um complexo de procedimentos de cunho mítico e ritualístico, que fomenta pulsões pessoais dos artistas para criações performáticas. O conjunto de procedimentos *mitodológicos* busca dar vazão a um *Teatro das Profundidades*, tendo como objetivo atingir as camadas abissais do inconsciente à conscientização. Na prática com alguns procedimentos da *Mitodologia em Arte* venho desenvolvendo uma performance a partir de ritos de minha avó *Bibiana Maria da Conceição*, mais conhecida como *Bia Mulato*, antiga artista da noite potiguar. Um dos procedimentos experimentados da *Mitodologia em Arte* foi a *Alquimia dos Elementos*, que segundo Lyra, tem a função de afeiçoar a relação entre o atuante e o mundo; entre o atuante e a máscara ritual de si mesmo, guiando, desta maneira, o pesquisador em estado de imersão performática para o centro de sua totalidade. Por meio do contato com os elementos *água e ar*, na prática da *Alquimia dos elementos*, pude aprofundar a relação com imagens arquetípicas alocadas em minha dimensão *Feminina* interior, que segundo Carl Gustav Jung, entende-se por energia *Ânima* (2000). Essa comunicação tem intenção de partilhar justamente a prática com este procedimento *mitodológico* e *artetnográfico*, de como o corrente traçado vem estimulando à criação.

PALAVRAS CHAVE: Bia Mulato, Energia Ânima, *Mitodologia em Arte*, Ritos de Passagem, Performance.

ABSTRACT: According to the researcher Luciana Lyra, *Mythodology in Arts* (2015) is a compound of mythical and ritualistic procedures that encourages personal motivations of artists into the process of creating performances. In this regard, *mythodological* procedures seek to emphasize a *Theater of the Depths* with the main purpose of reaching the deeper layers from the unconsciousness to the consciousness. Therefore, a performance through some procedures of *Mythodology in Arts* has been developed using the concept of rites and inspired by the figure of *Bibiana Maria da Conceição*, popularly known as *Bia Mulato*, the researcher's grandmother and former potiguar artist. One of the procedures adopted in *Mythodology in Arts* is the *Alchemy of the Elements*. Conforming stated by Lyra, this concept aims to approximate the relation between the performing one, oneself's surroundings and ritual mask. Thus, researchers would be guided from the performance state to the center of its totality. Through the connection with the elements Air and Water of the *Alchemy of the Elements*, the relation with archetypal images that are established in the inner feminine dimension was strengthened, which according to Carl Gustav Jung represents the concept of *Anima-Energy* (2000). Therefore, this study aims to introduce the use of *mythodological* and *artetnography*, procedures into performances and also demonstrate the manner in which the current state of the art has inspired the creation of performances.

KEYWORDS: Bia Mulato, Anima-Energy, *Mythodology in Arts*, Rites of Passage, Performance.

A *Mitodologia em Arte*, segundo a autora Feminista Luciana Lyra é um

[...] *modus operandi* de criação, por meio da qual o artista partícipe do processo cênico vincula-se intimamente à produção de sentido da criação. Este *modus operandi* não se constitui uma pré-fixação incondicional de práticas, mas procedimentos de cunhos ritualísticos e míticos, que possam fazer eclodir pulsões pessoais e, concomitantemente, universais dos artistas. O complexo que entrevi, é um caminho que o artista aperfeiçoa o pluralismo das imagens colhidas em seu trajeto (2015, p. 12).

Assim, esse complexo de procedimentos de cunho criativo cênico, busca dar vasão a um Teatro de Profundidades através de imersões corporais, atingindo as camadas mais profundas de nossa psique, possibilitando um resgate, também, de memórias pessoais alocadas nas zonas profundas de nosso inconsciente à conscientização. Para além desse resgate, as experiências ampliam e faz mover a roda do imaginário.

Dentre os vários procedimentos que a *mitodologia em arte* propõe enquanto experiência, destaco nesse estudo a *Alquimia dos Elementos*, onde, através do acampamento feito, relato a leitora, bem como ao leitor, os caminhos percorridos pelo meu inconsciente, corpo, em tais vivências na disciplina de Performance e Cultura, ofertada pela arte-educadora Luciana Lyra, no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGARc) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 2017.

Mas antes de detalhar as vivências, no qual aponto para um horizonte místico e ritualístico, faz-se mister explicitar a epistemologia que a *mitodologia* e a *artetnografia* abarca em seu entorno. Ou seja, para além de falar sobre as experiências na alquimia dos elementos, tenho a precisa intenção de explicitar a tríade sistematizada por Lyra: *artetnografia*, *mitodologia* e *mito-guia* –, visto que elas evocam comunicações entre o artista consigo mesmo e com a *alteridade*. Em primeira instância, a *mitodologia* encontra-se emaranhada a uma jornada polifônica, intitulada de *Artetnográfica*, sendo ela,

[...] a fase do primeiro exercício hermenêutico propriamente dito, o cruzamento de experiências, de permuta com o contexto de alteridade nas suas diversas dimensões, estabelecendo vínculos e vivenciando seu cotidiano e suas ações estéticas em troca de vivências artísticas. Estimuladas pelos artistas em

campo. Durante esta fase processual, investe-se em toda sorte de mídias de registro da experiência, desde escritos em livros de artista a imagens gravadas ou filmografadas, sem compromisso com a linearidade espaço-temporal, a exemplo das experiências surrealistas (Lyra, 2015, p. 40).

Ambos conceitos/prática carregam em seu dorso o *Mito-guia*¹, visto por Lyra, bem como por mim, como uma suposta referência que orienta, conduz, aponta, ou seja, além de bússola, é um suposto espelho. Percebo o mito-guia como uma base que pode ressoar a artista em estado de pesquisa, à mira de uma/um persona a partir das imersões na *mitodologia*.

Dentro de duas semanas, quase quatorze dias, mergulhei na *Alquimia dos Elementos*. E foi através deste mergulho que pude perceber que em meu peito há um enorme processador capaz de condensar energias, e foi assim que exercitei a roda de meu imaginário a partir de um corpo que flui por meio de potencialidades geradoras de sentido, provenientes da água, ar, terra e fogo. Em estado de troca e observância, noto que o rito abre caminhos para a criação de determinadas experiências e mitos, pessoais ou não, e que neste caso manifestou-se a partir de meu mito-guia, *Bia Mulato*.

Para o emaranhar da trama, Lyra fez com que cerca de 20 atuantes experienciassem os quatro elementos da natureza. Na gênese do processo, a ministrante solicita o estendimento dos corpos ao chão e com a voz suave, pede que a gente liberte-se de coisas que venham a nos limitar, ou seja, juízos de valor. Após isso, fora nos dando estímulos que nos remetiam aos elementos da natureza, um em cada momento, seguindo o referido caminho cronológico: ar, água, terra e fogo.

Iniciando os comandos a partir do elemento Ar, em um curto espaço de tempo, o meu imaginário mostra-se um o surgimento de uma massa de ar advinda daquele corpo em estado de troca, livre de limitações. O elemento ar é um dos quatro que possuo enorme dificuldade em me relacionar

1 Na trama da *Mitodologia*, os processos, em geral, acontecem impulsionados por um *Mito-guia*, tendo ele a representatividade de uma figura fundo, uma máscara ritual. O *mito-guia* tem o status do mito-diretor durandiano na organização de sua Mitodologia, e é aquele que faz germinar tantas outras personas/figuras e seus mitemas, conduzindo a elaboração performática ao grau avançado da criação. Ou seja, o *mito-guia* é a base; sendo por meio dele e partir dele que tudo vem a se suceder. Meu *mito-guia* tornou-se minha avó materna, Bibiana Maria da Conceição, mais conhecida como *Bia Mulato*. (Nunes^d, 2018).

imageticamente, e, pela primeira vez, dentro de seis anos, a voz serena externa e interna, possibilitou a fluidez do corpo, e pude observar o estado de jogo através do elemento ar. Eu, que nunca tive intenção de fazer Teatro, caí na real de que, de fato, ninguém faz Teatro, mas se vive o Teatro em suas variantes potencialidades.

Pouco depois de quinze minutos seguindo caminhos espontâneos do ar, aquela massa que poder-se-ia ter evaporado, ganha outra forma a partir dos comandos dado. Ou seja, do ar partimos para o elemento Água e, rapidamente, o vapor transforma-se em uma nuvem pesada, cheia de água, fazendo chover no solo carente de afetos. Sem formas específicas, as gotículas caí ao chão e eis que surge uma figura, com um enorme véu na cabeça, que lamuriava um cantar. Essa figura não enxergava e dos orifícios de seus olhos, escorriam, copiosamente, sangue. O seu lamuriar não era de tristeza e nem de dor. Na verdade, ela era uma peregrina que buscava algo em um deserto, no qual, nem mesmo ela sabia o que era.

Aquilo que outrora estava fixado em meu inconsciente, fora notado pelos meus sentidos da percepção, como a figura da Santa Profana do Sertão, Maria Saldanha. As condições que a figura se encontrava, perdida, em busca de algo, sem enxergar e com sangue escorrendo pelos orifícios dos olhos, era, basicamente, como as pessoas – familiares e amigos – passaram a enxergar Maria na época em que ela foi alijada do seio familiar. Mas quem é Maria?

Maria Saldanha foi uma mulher considerada Santa do sertão brasileiro, Sítio do Angico, povoado localizado no interior de José da Penha. Maria vêm de uma família tradicional, criada em igreja, e quando começou a desviar os caminhos, como relacionar-se amorosamente com vários homens de sua época, foi expulsa de seu berço, indo parar em Sítio do Angicos. Lá, plantou e semeou em Bia Mulato o sentido de viver em meio a tanta violência física sofrida por ser mulher que reage frente ao caos. Foi a partir desta amizade que Bia, aos dez anos de idade, passa a traçar seu destino, afirmando a todos os seus familiares no horário do almoço, que seria uma Rapariga feito Maria Saldanha. Bia não queria e não foi, como sua mãe, submissa a homens. No povoado, de dia, *Maria Saldanha* era uma beata; frequentava igrejas e grupos

de oração, entretanto, pouco conversava com as pessoas ao seu redor, e a noite, atuava como meretriz em sua própria casa. Seu esposo, caminhoneiro, de nada sabia ao ir trabalhar pelas estradas do Brasil.

Os homens daquele povoado eram os cúmplices de Maria, dizendo ela à Bia que praticava tais atos por não gostar de ficar e/ou dormir só. Quando todos de Sítio do Angicos descobriram seus costumes através de falanças, expulsaram Maria Saldanha da região. Depois disso ela nunca mais foi vista. Vive a santa do sertão, até o presente momento, ancorada no coração e memória de *Bia Mulato*.

Imagem 1: Registro: Leila Bezerra – 2017. Arquivo Pessoal do Artista-pesquisador



Eis que surge uma figura feminina através do Ar e da Água; dois elementos da natureza que eu mais tinha, e talvez ainda tenha, dificuldades de realizar imersões e condensar.

No processo alquímico, a matéria deve passar por todas estas operações para ser purificada e transformada. Analogamente, no processo *mitodológico*, o corpo do atuante precisa vivenciar todos os elementos e suas combinações dois a dois para se aperceber das mais variadas possibilidades de preenchimento imagético que os elementos podem efetivar (Lyra, 2015, p. 52).

A combinação destes dois elementos fora imprescindível e carregava em si, diversas metáforas, sendo estas construídas a partir das projeções oriundas de minha *ânima* – imagens psíquicas, arquetípicas socialmente

construídas, segundo o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (2000) –, acerca da figura que Maria representava para Bia e Bia para mim.

Com as relações registradas em meu corpo-memória sobre a figura Feminina da Santa, transcorro tudo experienciado para o meu Livro de Artista², e assim dei/demos continuidade nas demais experiências nos elementos da natureza que nos restavam: Fogo e Terra.

Lyra nos dá comandos para termos experiência com o elemento da Terra. A figura da Santa materializada no ato passa a perder sua forma, transformando-se em líquido. Meu corpo transporta-se para o chão, logo entra em atividade o meu imaginário. Aquele chão antes duro, rachado, visto estéril, sem produzir qualquer tipo de vida devido a grande seca, transforma-se em uma grande possa de lama. Dali vem uma figura das entranhas da terra. Uma nova figura anseia por vida e eis que surge um Feminino destemido e valente. Pouco antes da ministrante nos dar novos comando para passar da Terra para o Fogo, o meu corpo é guiado para o Fogo, elemento este que possuo mais facilidade em realizar imersões.

O corpo ganha chamas e emana luz pelo espaço. Fazia todo sentido para mim ter vivido o ar e água primeiro, pois se fosse de modo oposto, eu não teria como largar tamanha força para voltar à figura que me remeteu à Maria Saldanha. Visto que o fogo sempre me coloca em um estado mais próximo daquilo que me identifico: um peito similar a um vulcão adormecido, prestes a entrar em erupção. Quando enfim Lyra nos orienta passar para o fogo, aí sim aquilo que encontrava-se resguardado, talvez passivo, desvela-se na deusa havaiana Pele, a deusa do Fogo.

Pele é uma deusa que surge aos pés dos vulcões no Havaí, fazendo uma dança de sedução, no qual envolve Luz, entretanto, ela é a grande geradora da violência em todo território. Conta-nos a lenda que quando Pele

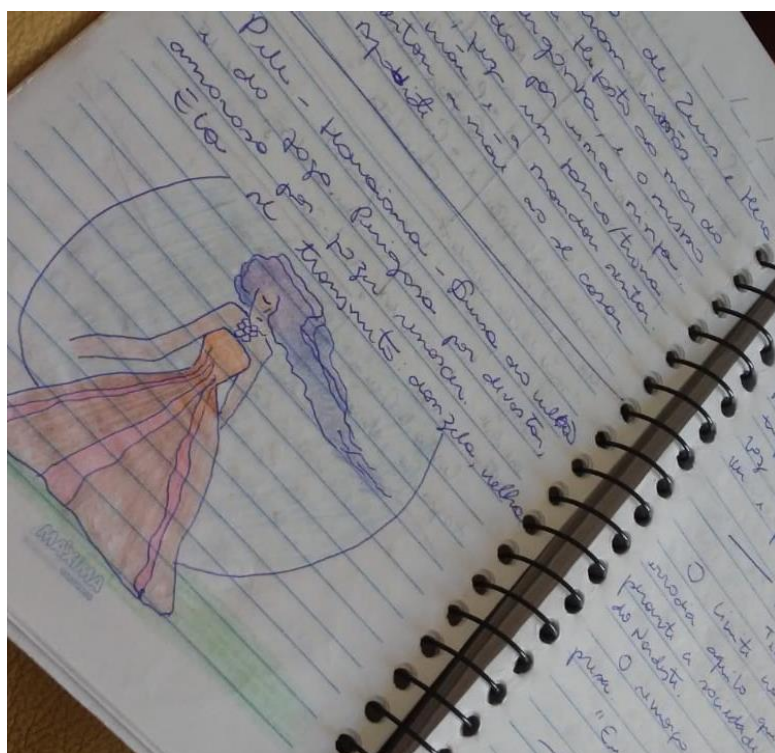
2 No contexto da *Mitodologia em Arte*, a cartografia delineada pelo *ator de f(r)icção* ou também chamado de *artetnógrafo* tem como suporte germinal o que chamo de *Livro de Artista*, uma espécie de diário de registros em laboratório e em campo de cada artista envolvido nos processos, que traz em si, as paisagens traçadas na pesquisa consigo mesmo e com a alteridade, expressando afetos e os mundos vivenciados pelos artistas e seus 'outros', mas também aspectos conceituais e objetivos da pesquisa, como dados históricos, reflexões teóricas (Lyra, 2015, p. 35).

percebe que nada encontra-se bem, eis que ela surge para danificar todas as coisas, no intuito de fazê-la renascer de outra forma. Ela devasta, mas também faz florescer novamente. Ou seja, é preciso morrer para recomeçar.

Diz que a deusa Pele não se orgulha, em momento algum, de tal processo realizado, até porquê, quando faz tudo ficar devastado através de seu fogo interno, com suas lágrimas faz (re)nascer campos floridos. A deusa é vista como uma figura altamente malvada, porém generosa.

O desenho da deusa havaiana Pele fora feito no *Livro de Artista*, lugar adequado, segundo Luciana Lyra, para registrar/guardar as memórias *mitodológicas* e *artetnográficas* vividas/experenciadas.

Imagem 2: 2017. Desenho Pessoal do Livro de Artista do Artista-pesquisador.



Após as vivências nos quatro elementos da natureza, eis que é o momento de realizar a grande alquimia em nosso interior, no meu caso, em meu peito. Nós enquanto artistas e pesquisadores de si e da *alteridade* em estado de retroalimentação, necessitamos selecionar quais elementos íamos focar enquanto processo significativo para a fala/performance final. Antes de selecionar quais os elementos e figuras a lapidar, tive a precisa noção de que

todo o processo *mitodológico* realizado encontrava-se na mira a figura de *Bia Mulato*, e nada mais justo do que eu esquecer parte de minha mitologia pessoal – vivências no elemento Terra e Fogo –, e focar nas imagens que surgiram no ato me lembrando a cabocla nordestina. Dessa forma, seleciono os elementos Ar e a Água, e assim evoquei as imagens de Maria Saldanha, visto que ela encontrava-se em alguma parte de meu interior imensamente povoado, presentes nas camadas profundas do inconsciente, tornando-se conscientes.

Poucas foram as relações entre a figura da santa com as demais figuras presentes no ato, pois acredito que esta descoberta fora altamente pessoal, a ponto dela se resguardar na observância de si. Aquelas que aconteceram era porquê já encontrava-se fixadas desde os primeiros surgimento. Isso significa que a figura da Santa tinha uma besta, sendo ela, de fato, seus verdadeiros olhos. Ao cantar, lamuriar, ela estava chamando aquela besta para junto de si. Esta figura toma vida no corpo do atuante Franco Fonseca, mestrando no PPGArC da UFRN. Nossa comunicação final aconteceu no próprio Departamento de Artes da corrente universidade.

A figura da Santa peregrina costuma ser presente quando realizo ensaios do processo performático voltado aos ritos de *Bia Mulato*. No momento em que realizava tal jornada *artetnográfica*, Bia chegou a se/me perguntar onde poderia encontrar aquela mulher que plantou, semeou e instigou nela a eterna felicidade de viver. Como Maria, após o seu alijamento forçoso, tornou-se uma das Forças Onipresentes Femininas que passou a espreitar Bia em suas travessias, noto que a mesma encontra-se presente nas fazendas que possui éguas selvagens, na água salgada que sai de tuas entranhas e escorre pelo teu lindo rosto, cara leitora. Nos bosques, cultivando flores e protegendo pequenos pássaros. No topo das montanhas acompanhando e protegendo as lobas quando vão dar a luz. Nos quartos das vovós abandonadas em asilos, ouvindo tais lamúrias quando estão sós. Ela está também no fim do túnel, a espera da próxima pessoa para voar livremente. Nas cachoeiras, matas e praias. Nas encruzilhadas, nas portas de cemitérios, nas alcovas, nos leitos de pedra e nas camas que abriga e acalanta pelo céu. Na chuva, no relâmpago e nos raios de sol. Na aurora, nas noites escuras, nos olhares e sorrisos de

felicidade. Ela(s): Maria(s), Joana(s), Vanessa(s), Pedrina(s), Júlia(s) e tantas outras, vêm até nós, com frequência no dar apoio, por saber como é ser e estar sozinha em um mundo que denigre o corpo Feminino.

Nesse estudo, tive a precisa intenção de desvelar o como ocorreu o capitanear da figura de *Maria Saldanha* via experiências alquímicas da *mitodologia em arte*, entretanto, de modo fabular, apresento na escrita de minha dissertação de mestrado a história da cabocla Bia Mulato, tocando nos temas que congregam a violência contra o corpo da mulher, o corpo feminino, bem como episódios de giardíase. Eventuais momentos que abordam o tema da prostituição em meio à Segunda Guerra Mundial, em Natal, bem como sua formação enquanto Artista da Noite no cenário Potiguar (Nunes^d, 2018).

Referências Bibliográficas

ESTES, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FEINSTEIN, KRIPPNER, David & Stanley. **Mitologia Pessoal**: a psicologia evolutiva do self. São Paulo: Cultrix, 1992.

GENNEP, Arnold van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Emma. **Animus e Anima** – São Paulo: Cultrix, 2006.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. **Mitodologia em Arte no cultivo do trabalho do ator: Uma experiência de f(r)icção**. 2015. Relatório (Pós doutorado em Artes Cênicas), DEART, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal-RN, 2015. (não publicado).

NUNES^a, João Vítor Ferreira. **“Ainda Sim, Se Parte”**: performance, gênero e ânima. In: **Anais eletrônico do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero** (11.: 2017: Florianópolis, SC): [recurso eletrônico]: 13th. Women’s Worlds. Florianópolis, Santa Catarina (SC), p. 01 – 12, 2018.

NUNES^b, João Vítor Ferreira. **A jornada Artetnográfica na construção da performance Bia-Boa**. In: v. 18, n. 1 (2017): **Anais eletrônico da IX REUNIÃO CIENTÍFICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

CÊNICAS | Diversidade de Saberes – As Artes Cênicas em Diálogo com o Mundo, Natal, (RN), p. 01 – 10, 2018.

NUNES^c, João Vítor Ferreira. **O desvelar da deusa-bruxa através da alquimia dos elementos**: relatos de um corpo cavalgado pelo Feminino. In: **Anais eletrônico do 3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero: com a diferença tecer a resistência** (2017). Campina Grande, Paraíba, p. 01 – 12, 2018.

NUNES^d, João Vítor Ferreira. **Lugar de escuta, lugar de fala feminina interior**: uma imersão performática na história de Bia Mulato. In. **Caderno de resumo do 8º edição do Seminário de Pesquisas em Andamento USP (2018)**. São Paulo (SP). p. 01 – 04, 2018.